

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO  
ESTRANGEIRO

**ASSIGNATURA**

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porte	
Anno ou 24 numeros .....	25,000	Trimestre ou 6 numeros ....	8,500
Semestre ou 12 numeros .....	12,500	N.º avulso ou pago á entrega	5100
		ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS	
Anno ou 24 numeros .....	25,000	Semestre ou 12 numeros ....	12,500

1.º ANNO—VOLUME I—N.º 21

1 DE NOVEMBRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO.  
LISBOA — 43, Rua do Loureiro, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.  
Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro e sr. Serafim J. Alves.

PORTUGAL PITTORESCO



VARZEA DE COLLARES — Desenho de M. de Macedo

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica occidental, por GUILHERME D'AZEVEDO — Capella dos Tumulos no ex-convento de S. Francisco de Beja, por THEOTICA DE ARAÚJO — Conde de Castro, por J. COSTA — Daniel Augusto da Silva, por D. — As nossas gravuras — Actriz Anna Cardozo, por ALBERTO GAMA — O Melões, por FRANCISCO D'ALMEIDA — Excerptos — Actualidades scientificas, Vela electrica de Jablochhoff, por F. BERSVIGAS — Bibliographia.

**GRAVURAS.** — Varzea de Collares — Conde de Castro — Daniel Augusto da Silva — Capella dos Tumulos no ex-convento de S. Francisco de Beja — Descarrilamento de comboio no caminho de ferro do Minho e Douro — Fachada da exposição da Suécia e Noruega — A actriz Anna Cardozo — Vela electrica de Jablochhoff — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Não foi em vão que de todos os cantos do paiz e de todos os angulos do artigo de fundo se levantaram vozes convultas procurando estimular os brios nacionaes com este brado supremo — *à urna!*

Os electores escutando a voz amiga deitaram a correr na direcção da caçarola do suffragio, sem se darem ao trabalho, na maior parte dos casos, de consultarem os *preços correntes*, aceitando pelo voto o que muito bem lhes queriam dar, desde a esperança mais risonha até aos cinco tostões mais safados.

Supremo desinteresse digno de ser louvado n'esta epoca utilitaria e um quasi nada corrupta!

Sómente a freguezia de Bemfica, às abas de Lisboa, parece ter merecido o estigma geral pelo simples facto de se ter vendido duas vezes e nutrir desejos de se vender terceira. N'este ponto, glorificada seja a consciencia nacional que pela voz d'alguns periodicos foi unanime em apontar ao desprezo dos vindouros aquelles que tão facilmente trocaram por 8\$000 réis, e menos, os seus fóros de homens livres. Sim; que elles se vendessem por 800\$000 réis annuaes comprehende-se, mas por aquella reles quantia por uma só vez, chega a ser... immoral!

D'esta fórma uma arroba de elector custia ainda menos do que uma arroba de covado, o que é realmente aviltante para a dignidade da especie! Nada mais facil, d'ora ávante, para qualquer candidato endilheirado, do que trazer á urna, adiante de si, grunhindo, pela rua fóra, uma vara... de cidadãos!

Escudamos os rostos ruborizados, e quando de futuro lermos nos jornaes a noticia dos montados do Alemitejo apresentarem mau aspecto, choremos a sorte d'aquelles que vão passar um mau anno, sem boleia e sem eleições talvez!

Entretanto um ponto ha que deve ser discutido.

Fazendo algumas folhas recair todo o peso da sua indignação sobre a cabeça aviltada dos que se vendem, o que havemos de collocar na frente dos que os compram: um anathema ou uma corôa de rosas?

Os poderes publicos a terem de intervir n'esta contenda resolviam naturalmente o caso de uma fórma muito simples: mettam uns em processo e os outros na Ordem de Christo. Os poderes publicos que são porém pessoas discretas e não gostam de entrar nos negocios alheios, entendem de si para si, que uma consciencia é uma fonte de receita como outra coisa qualquer, e que desde que um homem é dono d'ella está no direito de a vender a quem lhe dêr mais.

O caso de Belem e outros occorridos da ultima eleição, foram até para o sr. Serpa, ministro da fazenda, uma revelação preciosa. Poderão as consciencias ser consideradas para o effeito do imposto como materia collectavel?

Sendo assim trate-se quanto antes de fazer um arrolamento das consciencias por freguezias, inscrevendo-as depois na matriz competente.

Por que a verdade, em fim, é esta: se um desgraçado que aluga um trem a cruzado a hora, paga por esta industria, por que não ha de pagar tambem o que aluga a consciencia a duas libras por corcorrida: isto é por eleição?

Este simples argumento ha de calar no animo dos legisladores e pouco tardará que não vejamos o seguinte annuncio publicado nos jornaes:

*Gremio das consciencias*

*Estando feita a distribuição do imposto d'esta classe são convidadas os interessados a apresentarem no prazo de 3 dias no edificio de S. Bento, quaesquer reclamações que julguem necessarias a bem dos seus interesses.*

*O secretario — F.*

Sim, entremos com desassombro na exploração d'este novo ramo de commercio. Pois que demonio! Em um candidato sabendo que no Chiado ou na rua do Ouro, se vendem, em concorrência franca e livre, plastrons, consciencias e luvas, acabaram logo as conspirações e as violencias de mau tom á boca da urna. Uma pessoa consulta o caderno do recenseamento, vê quantas consciencias lhe são necessarias para vencer o seu antagonista, entra no primeiro estabelecimento do genero e surte-se.

Depois, se lhe sobejam algumas guarda-as em sitio apropriado, ou então delta-os fóra, — por causa do cheiro.

E teremos d'esta fórma adiantado immenso no caminho que encetamos com passo ainda vacillante.

— A abertura da urna coincidiu d'esta vez, com a do theatro ly-

rico. Felizmente no theatro conservamo-nos ainda n'uma phase mais innocente e mais romantica do que no suffragio.

O que foi feito das indignações e das grandes coleras politicas de 1844 e 1845? Ninguem o poderá talvez dizer. Entretanto ahi temos ainda Tamberlick, o tenor que ha 34 annos sensibilisava as almas em quando os tribunos revolucionavam os povos: ahi o temos fazendo esforços supremos para tomar os corações d'assalto depois de ter perdido ha tanto tempo a voz nas batalhas do ideal!

Ah! os tribunos perderam tambem a voz, coitados! mas para não apanharem pateada quando desafinassem, tomaram a resolução de morrer ou então fizeram-se empresarios de um theatro aonde outros cantam hoje por conta d'elles!

De Tamberlick podemos dizer que é o resto de uma tradição cantando com a sombra de uma voz. A fama de um cantor começa a fallar no dia em que lhe falla a primeira nota. São as unicas glorias que podem fazer o assombro de uma geração e virem a ser porteiros de outra sem despertarem remorsos em ninguem, sem poderem mostrar um titulo legal que lhes mereça o respeito dos vindouros! Os nomes dos grandes poetas, dos grandes musicos, dos grandes pintores, ficam inscriptos no livro de ouro do patriado, impoñdo-se ao respeito do futuro: o nome do cantor, quando muito, fica a lapis nas carteiras de lembranças. Ah! e se elles se propõem a ir á posteridade cantando, a posteridade em vez de uma estatua só tem para elles uma pateada!

Cinco seculos de tempestades rugindo em volta do Dante apenas conseguem tornar mais luminosa a auréola que lhe cerca a fronte. Um golpe de ar, unicamente, faria da Patti que é uma *dicidade*, uma mulher vulgar com um bonito passado e um catharro.

Eis a vingança suprema d'aquelles que consomem a alma e a vida n'uma epopéa que lhes ha de valer a fome e o exilio. Para elles a posteridade. Para os que têm n'um momento a adoração do mundo e 1:000 libras por *colata*, para esses... o esquecimento e a bronchite.

Tamberlick como um rei desthronado e vencido que agita nos hombros um farrapo de manto, assim elle vem de um passado de glorias agitando no ar um farrapo de voz. O espirito vulgar das massas confunde de ordinario estas realzas decaidas com os *clowns*, e na maioria dos casos apupa-os. Aímas que vos consumisteis na propria chamma: agora que já não ardeis, a multidão condemnava-os, juntamente com as suas pontas de clarato — ao lixo!

Tamberlick embrulhado na capa de Manrico chega a ser doloroso. É a sombra de *D. Juan* que se levanta do tumulo, e vem cantar com voz fanhosa, sob os camarôtes em flôr, os desesperos da sua paixão decrepita.

A sociedade devia organizar um asylo aonde estes gloriosos *incalidos do sentimento*, podessem tanger em paz o violão sentimental do romantismo, livres das aggressões brutaes da turba que lhe pede voz muita voz, e á qual só podem dar a alma, muita alma!...

— Além de Tamberlick que se impõe ao respeito publico como uma *caudade do passado*: appareceu-nos tambem no *Trocaador* a sr.<sup>a</sup> Giub-Borsi, que é uma *reliquia de familia*; uma mulher franzina e delicada que herdou de sua mãe, o nome por inteiro, mas unicamente metade da alma e um terço da voz!

A natureza tem um codigo mysterioso por onde se regula a transmissão d'estas heranças gloriosas.

Dos outros cantores, além de Aldighieri e da Biancolini e mesmo do baixo Uetam, não constam grandes facanhas, nem pessoas nem transmittidas em testamento. Todavia á proporção que elles forem celebres, a chronica não terá duvida alguma em os inscrever nos seus annaes, mesmo no numero seguinte, se já tiverem genio ou desafinarem extraordinariamente.

— Os *Fouchambault* no theatro de D. Maria II, eis o melhor successo do theatro portuguez nos ultimos tempos; o mais elevado e o mais nobre, senão o mais rendoso.

A chronica toma a liberdade de discordar um pouco dos que affirmam que esta peça é uma das melhores do theatro contemporaneo. É simplesmente uma das melhores d'Angier que todavia tem no seu repertorio outras que lhe sobrelevam na concepção. As suas qualidades, porém, como peça honrada e salutar, são indiscutíveis, e valle extraordinariamente pela intenção e pelo exemplo n'uma epoca em que Dumas Feuillet e Sardou, a elegante triundade academica, vicia a athmosphera espirital com dramas e comedias que não são mais do que pantanos devididos em quatro e cinco actos e cobertos de flores.

Uma boa e honrada comedia em que por fim de contas não entram senão boas pessoas, consola a alma e purifica as consciencias. Já era crueldade de mais, estar continuamente a atirar ao gosto publico, todas as noites, pilulas d'arsenico embrulhadas em rhetorica.

— Lisboa acaba d'experimentalizar duas sensações inesperadas. Teve a luz electrica no Chiado pelo systema Jablochhoff, e um ex-presidente de republica no hotel central, pelo systema americano. O presidente da republica não lhe produziu uma sensação extraordinaria, porque realmente, um homem que viaja simplesmente com sua mulher, trazendo por unico cortejo um creado, não se impõe facilmente á imaginação d'um povo meridional.

Foi o general Grant que por meio d'uma sentença imparcial e justa nos restituiu a ilha de Bolama ambicionada pela orgulhosa Inglaterra. O ex-presidente recebendo no seu hotel a vizita d'esta ilha representada na pessoa do sr. Duque d'Avila, se por acaso é philosopho e observador, devia ter comprehendido o uzo que nós sabemos fazer das possessões ultramarinas.

— Lisboa, entre outros divertimentos próprios d'uma capital civilisada, teve a reabertura do antigo circo de Price aonde a par dos *clowns* e das *ecuyeres* se apresentou um burro sabio superior a todos os que tem feito a admiração d'este paiz nos ultimos tempos.

Veio n'uma crise gravissima. Se não foge quanto antes, ainda se arrisca a ter de formar gabinete.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## A CAPELLA DOS TUMULOS

NO EX-CONVENTO DE S. FRANCISCO DE BEJA

A antiga e opulenta cidade de Beja, tão rica em recordações historicas, acha-se ainda cingida pelos velhos muros de origem romana, reconstruidos pelos godos, arabes e portuguezes durante as luctas de raça e crença. Tem mais de 30 torres intercaladas nas suas cortinas, onde tambem se abrem, bastante distanciadas, as famosas portas de Mertola, de Avis e de Evora. Junto a estas, campeia a altaneira torre de menagem, primor architectonico do reinado de D. Diniz, e mais além na beira da estrada, a capellinha de Santo André, construida no seculo XII em commemoração do dia em que as hostes portuguezas lograram expulsar, pela ultima vez, d'aquella importante povoação, os musulmanos.

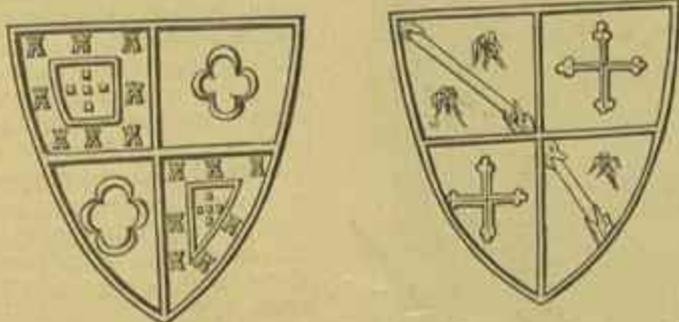
A cidade de Beja foi doada por D. João I a D. Nuno Alvares Pereira, que a cedeu a seu neto D. Fernando I, duque de Bragança, e este, a 21 de janeiro de 1463 fez d'ella doação a seu filho D. Alvaro<sup>1</sup>, o que foi confirmado por el-rei D. Affonso V em 1470. D. João II desconfiando achar-se D. Alvaro cúmplice do duque de Bragança, lh'a sequestrou, doando-a a 25 de maio de 1489 a seu primo D. Manuel.

Notaveis são os vestigios romanos encontrados na celebre *Paz-Julia* e nas suas visinhanças; o grande Cenaculo nos fins do seculo passado fez alli famosa colheita de objectos archeologicos, que reuniu no seu museu de Evora.

Com relação á primeira dynastia portugueza tem alguns monumentos, que pela sua importancia artistica e historica muito conviria conservar. Entre esses merece-nos a maior consideração a capella, vulgarmente chamada dos tumulos, representada na estampa.

O extinto convento de S. Francisco de observantes da provincia dos Algarves, actualmente quartel do regimento de infantaria 17, fundou-se em 1268, segundo diz a chronica seraphica<sup>2</sup> e já vem mencionado, com a deixa de 50 libras, no testamento de D. Affonso III, feito no anno de Christo de 1271<sup>3</sup>. É de erer que a primitiva edificação fosse acanhada, como de ordinario as começava aquella ordem monastica; mas na grandeza das reconstruções bem demonstrou o seu incremento. O corpo da igreja, que está profanada desde 1852, ficou concluido em 1703, e a capella-mór em 1726.

A capella dos tumulos está no angulo formado pelo convento e pela parede da parte da epistola da capella-mór da igreja, ficando as outras duas faces livres para a cerca. A construção, evidentemente muito anterior aos edificios a que está junta, é quasi toda de cantaria, e as pedras, na maioria quadrilongas e pouco apuradas no trabalho, estão marcadas como as da torre de menagem. Interiormente mede 15,23 metros de comprido por 5,28 de largo; tem um tecto com paredes de alvenaria, onde ficava o altar, e foi d'esse ponto que se tirou o desenho da capella. Dos lados prolongam-se a toda a altura quatro pilastras sustentando os arcos que se cruzam na abobada, e nos remates assentam estes dois escudos:



O primeiro é o brazão dos Sosas de Arronches e o segundo é dos Freires de Andrade e Pereiras.

A janella que fórma o fundo do pequeno templo tem 4,5 metros de alto e quasi 1 de largo; é hipartida de cima a baixo por uma columna delgada que termina superiormente em arrendados e os lados estão fechados por grades de ferro. Todos os ornatos dos capiteis são diversos, e nos intervallos das pilastras ficam de cada banda tres portas e a ogiva, sendo as do centro mais altas e largas. A da esquerda com quatro degraus feitos de tijolo communicava com a capella-mór da igreja dos franciscanos, e na que se lhe segue para a parte da janella enxertaram no seculo passado um elegante portal de fino marmore, tendo no frontão um escudo de armas, que, como se observa, é

partido em pala; na primeira estão as armas dos Freires de Andrades e na segunda, as dos Camaras, se os animaes ali representados são lobos.



Nos arcos da parede fronteira estavam tres areas sepulchraes de marmore assentes sobre leões, tendo duas, escudos com as armas dos Freires de Andrade, e o mais pequeno, em volta do brazão, AVE MARIA GRACIA PLENA. Provavelmente foi esta legenda que motivou o dizer-se haver pertencido a capella aos templarios. Os tumulos foram abertos e despojados das cinzas que alli repousavam, pelos annos 1844 a 1846, para servirem de pias, collocando-se dois junto a nora da cerca, e o outro ao lado do bocal da cisterna! Parece-nos que ainda lá se conservam.

Qual foi a epoca da fundação da capella?

No archivo nacional da Torre do Tombo não encontramos documento que se lhe referisse, e soccorrendo-nos á competencia e illustração do nosso amigo o rev.<sup>o</sup> padre José Ignacio de Mira, mui lido na historia de Beja, apenas nos ponde confirmar que no cartorio do convento, guardado no governo civil d'aquella cidade, nada consta a respeito de tão interessante monumento!

Os frades em geral só estudavam o passado no invento de alguma lenda milagreira, com que exploravam o presente e preparavam a colheita no futuro. N'este intuito não se esqueceram as chronicas seraphicas, acompanhadas da *Monarchia Lusitana*<sup>4</sup> de dizer que andando el-rei D. Diniz á caça no sitio de Belmonte, freguezia de S. Pedro de Pomares, proximo ao Guadiana, foi accomettido e derrubado por um formidavel urso; e invocando em tão critica situação a S. Luiz, bispo de Tolosa, parente de sua mulher a rainha Santa Isabel, que d'elle contava milagrosas maravilhas, lhe apparecera logo o santo, fazendo com que o rei recuperasse o animo matando com a adaga o feroz animal.

Os escriptores são accordes quanto ao facto, mas divergem com relação á epoca. A maioria inclina-se a ter sido o milagre em 1302, tres ou quatro annos depois da morte do santo bispo; e que o monarcha portuguez, em acção de graças de se ter livrado das garras do urso, mandára construir aquella capella que dedicou a S. Luiz. Frei Jeronymo de Belem e frei Manuel de Monforte<sup>5</sup> acrescentam, que por cima da porta se pozera a seguinte inscripção: DIVO LVDOVICO SERVATORI DICATVM, o que não se pôde verificar, por estar a parede unida com a da capella-mór da igreja.

O primeiro arco, á direita, abria antigamente passagem para a sacristia da mesma epoca da capella dos tumulos, e na umbreira interna acha-se uma pequena cabeça de pedra de animal focinhudo, que muito bem poderá ser urso, como alguns querem. N'esta casa, que hoje serve de arcação regimental, existe uma janella, parallelá á descripta anteriormente, tendo o mesmo typo, mas com metade da altura e menos ornamentada. No palacio episcopal vê-se sobre uma porta o quadro a oleo, de *propoganda fide*, representando a lenda; parece pintura do principio do seculo XVII, e não prima pela escola.

Temos por escusado qualquer commentario sobre a lenda franciscana.

A attribuição da capella a el-rei D. Diniz não se pôde aceitar em presença dos dois escudos que estão na abobada, sendo um pertencente aos Sosas de Arronches, descendentes de D. Maria Paes Ribeira e de D. Affonso Diniz, filho natural de D. Affonso III; e talvez por isto viesse a confusa tradição de referir a sua origem a el-rei D. Diniz.

Sem procurarmos entrar nas minuciosidades d'este estudo, que nos levaria longe, afastando-se da índole d'este jornal e por consequencia do nosso proposito, concluimos, suppondo datar a capella do seculo XIV, e pelos brazões a devemos attribuir á familia Freire de Andrade ligada, com Sosas de Arronches e Bejas, cujos descendentes continuaram na posse da capella, servindo-lhes de jazigo, como o provam os tumulos de marmore que não vão além do fim do seculo passado.

Se o que acabamos de escrever aproveitar ao menos para tornar conhecida e apreciada a capella, livrando-a do camartelo da ignorancia, temos preenchido plenamente a nossa intensão.

De contrario como nação civilisada teremos de requerer aos poderes publicos as leis romanas do seculo III, em que se condemnavam severamente os destruidores dos monumentos antigos: *fastuarius supplicio subditos mannum quoque amissione truncandos, per quos servanda veterum monumenta temerantur*.<sup>6</sup>

A. C. TRIXEIRA DE ABAGÃO.

<sup>1</sup> Sousa, *Historia geneologica*, tom. x, pag. 5.

<sup>2</sup> Liv. IV, cap. X, pag. 470.

<sup>3</sup> Sousa, *Historia geneologica*, tom. I das provas, pag. 54.

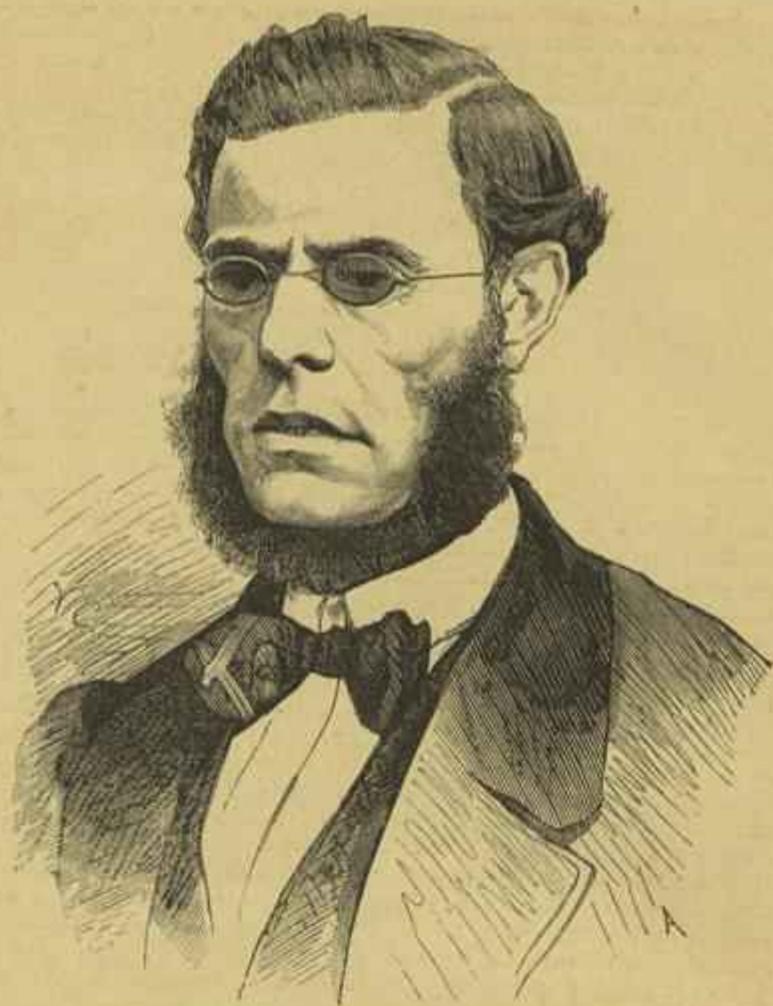
<sup>4</sup> Part. V, liv. XVII, cap. XXI.

<sup>5</sup> *Chronica Seraphica da Santa Provincia dos Algarves*, liv. IV, cap. XI; e *Chronica da Provincia da Beira*, tomo II, pag. 156.

<sup>6</sup> Vid. *Steegnyio* no seu commentario a *Vagocio*, liv. I, cap. XXVI.



CONDE DE CASTRO — Vice-presidente da camara dos dignos pares da nação portugueza.  
Fallecido em 8 de Outubro de 1878. — (Segundo uma photographia do sr. Gomes)



DANIEL AUGUSTO DA SILVA — Lente jubilado da Escola Naval.  
Fallecido em 6 de Outubro de 1878. — (Segundo uma photographia de M. Fillon)

## O CONDE DE CASTRO

Na pleiade dos homens illustres que mais concorreram para a consolidação da grande obra da revolução liberal, occupa um dos primeiros logares o vulto venerando do conde de Castro.

Foi no Porto que tiveram começo os primeiros movimentos d'essa revolução que destruiu a velha sociedade, levantando sobre as suas ruínas o magestoso edificio da civilização moderna, exactamente quando José Joaquim Gomes de Castro principiava a sentir por essas idéas generosas o mais entranhado amor e o mais febril entusiasmo.

Filho de um negociante do Porto, recebeu de seu pae uma educação esmeradissima que junta a uma vasta intelligencia lhe conquistou mais tarde logares distinctos, tanto no parlamento como em diversos ministerios de que fez parte, e nos quaes soube ganhar sympathias, que só inspiram os bellos talentos e os caracteres honestos.

Voltando ao seu paiz, depois de emigrar por se ter associado ao movimento liberal, o conde de Castro começou a tomar parte activa na politica militante, até que, eleito deputado em diversas legislaturas foi encarregado, em 20 de maio de 1841, da pasta dos negocios estrangeiros no ministerio organizado pelo duque da Terceira, pasta que lhe foi conferida tambem no gabinete que subiu ao poder em 29 de março de 1849, e na qual grangeou o respeito e consideração de todo o corpo diplomatico pelo accerto das suas resoluções.

Feito mais tarde par do reino, recebeu do soberano, como prova do apreço em que tinha os seus relevantes serviços, a nomeação

de vice-presidente da camara hereditaria, honra que o conde de Castro soube agradecer com a dedicação e respeito que sempre teve pela dynastia reinante.

Em quatro de setembro de 1863, chamado para formar gabinete o grande estadista Joaquim Antonio d'Aguiar, foi-lhe por este entregue pela terceira vez a pasta dos negocios estrangeiros, ficando tambem com a das obras publicas, ministerio a que deixou vinculado o seu nome em leis de grande alcance e em reformas importantissimas para o commercio e para a industria. O conde de Castro não era só politico distincto, era tambem chefe de familia exemplar e soube juntar ás qualidades de orador eloquente as de completo homem de sociedade; a par de uma grande intelligencia possuia um coração bondoso e tanto na sua carreira publica como na sua vida particular, sempre mereceu a consideração geral.

Pertencia ao conselho de estado como membro effectivo e era grã-cruz de 17 ordens, commendador das de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Morreu com 84 annos, depois de uma tenaz enfermidade que o afastára ha tempo da carreira publica, carreira brilhante em que teve um logar importantissimo e em que os seus actos como deputado, ministro e par, ficarão registados na historia da moderna politica portugueza, como uma recordação brilhante.

J. COSTA.



CAPELLA DOS TUMULOS NO EX-CONVENTO DE S. FRANCISCO DE BEJA

## DANIEL AUGUSTO DA SILVA

Vão desaparecendo os homens prestantes, ultimas reliquias da geração passada, e que vincula-



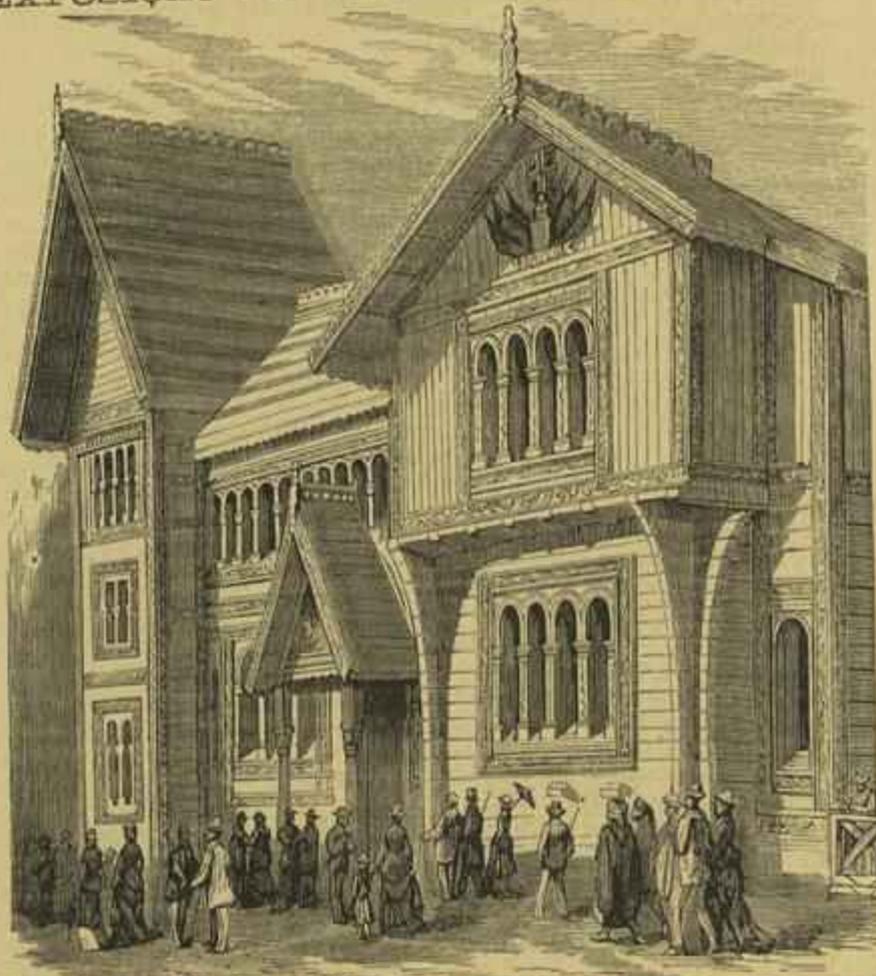
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — Descarrilamento de comboio no kilometro 11 proximo de Ermesinde, no ramalho de ferro do Minho e Douro, occorrido em 11 de Outubro de 1878. (segundo uma photographia de M. Talbot)

ram o seu nome aos progressos moraes e scientificos do nosso paiz. Não foram elles tantos que possamos esquecerlos, e deixar de insculpir o seu nome n'este modesto archivo das memorias patrias.

Entre esses varões, aquelles cuja aptidão se manifesta em obras, que o maior numero pôde, e sabe, pouco mais ou menos, apreciar, são os seus nomes mais conhecidos, e faz mais impressão o seu finamento; os outros porém, aquelles cujos trabalhos altamente valiosos, só são aproveitados pelo maior numero, quando a sua importancia se transforma em factos de applicação e utilidade immediata, passam quasi desconhecidos, e os seus nomes são apenas sabidos pelo pequeno numero de cultores das sciencias, que estão na altura de os poderem avaliar.

Assim succede ao vulto, cujo desaparecimento commemoramos. Seguindo as tradições de Abraham Zacuto, Pedro Nunes, Francisco de Mello, Andréo Avellar, Pimentéis, Monteiro da Rocha, José Anastacio da Cunha, Nazianzeno do Rego, etc., soube sustentar dignamente o papel scientifico, que para si creára, e elevar-se pelo seu lucido e perspicaz talento, ao primeiro plano das nossas capacidades mathematicas.

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA SUECIA E NORUEGA NA RUA DAS NAÇÕES (segundo uma photographia)

Daniel Augusto da Silva, filho de Roberto José da Silva, e de D. Maria do Patrocinio Silva, nasceu em Lisboa a 16 de maio de 1814. Dedicado desde a sua infancia aos estudos necessarios para a carreira scientifica, percorreu os diversos cursos com distincção, obtendo sempre premios, já na Academia de Marinha, já na Universidade de Coimbra, onde recebeu o grau de bacharel formado em mathematica. Entrando na carreira maritima, assentando praça na companhia de guardas marinhas, em 28 de agosto de 1833; seguiu os diversos postos, até que afinal se achava reformado no de capitão de fragata, desde 31 de dezembro de 1868. Foi nomeado lente substituto para as 1.ª e 2.ª cadeiras da Escola Naval, em 27 de maio de 1845; e lente proprietario da 3.ª cadeira em 31 de agosto de 1848, a qual sempre reger com a proficiencia que o distinguia, sendo jubulado em 20 de outubro de 1865. Eleito socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 19 de junho de 1850, passou à classe de socio livre em 19 de fevereiro de 1851, e à de socio effectivo em 27 de janeiro de 1852. Começou desde logo a desempenhar-se dos encargos que esta eleição lhe impunha, trabalhando

na resolução de problemas mathematicos da mais alta importância, furtando-se assim ao apêdo, que communmente se costuma lançar sobre aquella corporação, acouinando a sua influencia, de soporifera para os socios.

Effectivamente, depois de haver traduzido e annotado as *Recordações do anno de 1842, do principe Lickowsky*, que publicou em 1844—Lisboa na Imprensa Nacional; apresentou varias memorias á Academia Real das Sciencias, cuja ennumerção passamos a fazer.

*Memoria sobre a rotachão das forças em torno dos pontos de applicação*, impressa na typographia da Academia Real das Sciencias, 1851 fol. com uma estampa, e inserta no tom. III, parte I das mem. da Acad., 2.ª serie. N'esta memoria tentou a generalisação do systema das forças que girando em torno dos pontos de applicação, tem a resultante girando no centro d'ellas, e parallela ás componentes, suppondo que ellas formam entre si angulos quaesquer, verificando-se entre ellas algumas propriedades que correspondem ao principio das forças parallelas, e alem d'isso outras que se não podem distinguir n'aquelle principio.

*Propriedades geraes e resolução directa das congruencias binomias*; memoria impressa em 1854, na Imprensa Nacional, fol. e tambem inserta no tom. I parte I das *Memorias da Academia* (nova serie, classe I) na qual procurou dar processos e formulas directas, para a resolução dos problemas relativos áquellas congruencias, que são o ponto de partida da theoria dos numeros, por serem os methodos indirectos, inferiores ás formulas geraes e immediatas.

*Da transformação e redução dos binarios*, memoria impressa na typographia da Academia em 1856, em fol. com uma estampa, e no tom. III parte II das *Memorias da Academia*, 2.ª serie. N'esta memoria, além de dar um nome portuguez ao grupo de forças, a que os francezes chamam *couple*, como os nossos descuidadamente tambem lhe chamavam, avaliando a nova theoria de Poinsot, a apresentou por modo diverso e igualmente simples, ligando a idéa geometrica dos momentos, considerados como superficies, á idéa mechanica da natureza dos binarios.

Desde 1852 que uma pertinax doença afastava das lides scientificas aquella intelligencia robusta, e então em 1858 foi proposto á Academia para ser considerado socio de merito, sendo effectivamente assim declarado em 20 de janeiro de 1859. No parecer que aprovava essa proposta, foram classificados como trabalhos de primeira ordem, os que o nosso distincto mathematico havia até ali apresentado, lastimando-se a fatal doença que impediu que aquelle brilhante astro academico percorresse a sua orbita, que se augurava de immensa extensão.

Comtudo, como ainda depois d'isso vieram algumas melhoras impedir o curso d'uma doença, que parecia fatal, eis que o antigo campeão, retomando as armas ociosas por tanto tempo, apresenta ainda uma *Nota sobre alguns theoremas novos de statica*, impressa no *Jornal das Sciencias Mathematicas*, e publicado sob os auspicios da Academia, n.º 1.º (1866 de pag. 1 a 5).

No entretanto, o seu genio tenaz e o seu temperamento nervoso, não o deixavam estar inactivo, e assim quando se trataram questões do *Monte-pio Geral*, *Monte-pio Official*, e outras correlativas, accudiu sempre á brecha com artigos substanciosos, e trabalhos notaveis, como o eram todos os de tão elevado espirito; e se podem ler no referido *Jornal da Academia* e no *Jornal do Commercio* de 1867.

Passados alguns annos e tendo a teimosa doença paralyzado a actividade d'aquelle espirito, despiu este os véos da carne, descaçando das fadigas da terra a 6 de outubro do corrente anno de 1878.

Era socio de varias outras corporações scientificas, e deixa a memoria inextinguivel de haver sido um dos mais elevados cultores das sciencias mathematicas entre nós, e uma das grandes illustrações do nosso paiz, digno de ser imitado e seguido.

B.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### A VARZEA DE COLLARES

Poucos dos nossos leitores deixarão de conhecer, ao menos por tradição, esta formosa estancia, a varzea de Collares, um dos sitios mais amenos e mais encantadores dos arredores de Lisboa.

Collares está situada 6 kilometros ao O. de Cintra, e 30 no NO. da capital. Sobranceira a um delicioso valle, atravessada por um pequeno rio que o fertilisa; é este valle que constitue a famosa varzea de que a nossa gravura da primeira pagina representa um detalhe.

A tradição diz pela bocca do sr. Pinho Leal, que o nome de Collares vem do seguinte caso. O moiro Zeirão estava senhor de Lisboa quando uma dama lhe pediu dinheiro emprestado para fazer um Castello n'aquelle sitio; não possuindo outros bens deu-lhe em penhor os seus *collares*, ficando portanto esta denominação á localidade.

Para os que não gostarem d'esta lenda, por tirar toda a poesia á epocha mourisca fazendo-a introductora do *prego*: diz tambem o sr. Pinho Leal que a denominação de Collares pode muito bem vir dos dois *collos* ou *collinas* sobranceiras á varzea.

A 6 kilometros de Collares fica a praia das Maçans, aonde vae desembocar sobre o atlantico, o rio do mesmo nome, e aonde termina o formoso valle de que fallamos.

Uma ponte de pedra reprezando as agnas do rio, faz com que elle

seja navegavel para barcos pequenos, prestando-se ás romagens da poesia e do amor, por baixo da copa dos arvoredos entre os perfumes das larangeiras floridas.

### DESCARRILAMENTO NO CAMINHO DE FERRO DO MIHMO E DOURO

É dos mais funestos que se tem dado nas nossas linhas ferreas o descarrilamento que no dia 11 do mez de outubro ultimo teve logar na linha ferrea do Minho e Douro. O comboio que se formara em Nine com os que vinham de Braga e Caminha, saíra de S. Romão ás 4 horas da tarde, quando ao chegar ao kilometro 11, trazendo uma velocidade excessiva, superior a 40 kilometros por hora, saltou fora da linha avariando-a na extensão de 492 metros, até que rebentando o engate que ligava a machina ao *tender*, aquella saltou para a esquerda da via indo bater n'um sucalco a 27 metros de distancia e tombando sobre a direita.

Seguiram a direcção da machina uma carruagem de 1.ª classe, uma de 2.ª e duas de 3.ª. Uma das carruagens de 1.ª classe galgou sobre as outras, ficando atravessada sobre a planta-forma da machina.

O machinista morreu instantaneamente, e o mesmo succedeu ao fogueiro no momento que procurava apertar o freio. Dois passageiros tambem pereceram logo na occasião do desastre, e outros dois no dia seguinte em virtude de ferimentos graves, havendo mais umas 6 pessoas feridas. Entre os passageiros que escaparam milagrosamente conta-se o nosso grande romancista Camillo Castello Branco.

A causa do desastre ainda hoje não está bem explicada. Estando a linha em bom estado, supõe-se geralmente ser devido á excessiva velocidade que o machinista dera ao comboio.

A nossa gravura é feita sobre uma photographia tirada no theatro do acontecimento no dia seguinte aquelle em que se deu tão lastimoso successo.

### FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA SUECIA E NORUEGA NA RUA DAS NAÇÕES

Esta fachada, é talvez uma das mais curiosas dentre todas as que se vêem na *rua das Nações*, sob o ponto de vista do pittoresco, pela sua feição primitiva e um pouco rude. Se bem que constitua um unico edificio, este edificio subdivide-se em muitos especimens distinctos. Ao centro a entrada reproduz exactamente a da maior parte das egrejas da Noruega. Por cima da entrada corre uma galeria em arcos como as possuem ainda muitas casas antigas da Christiania. Em fim d'um lado avança um corpo de construcção particular: o especimen d'um *staber* ou casa aonde os habitantes da Noruega costumam guardar as suas provisões, durante os longos invernos.

Este curioso edificio, construido de madeira, resume perfeitamente os diversos typos da architectura da Scandinavia e foi levado a effeito por um sueco mr. Trap-Mejer.

## A ACTRIZ ANNA CARDOZO

O OCCIDENTE presta ainda hoje uma homenagem á arte nacional, dando nas sus paginas, como singela commemoração, o retrato de Anna Cardozo, a notavel actriz que a morte acaba de roubar ás modestas glorias da scena portugueza, e certamente uma das figuras mais originaes e de mais relevo do nosso theatro.

Raro será o leitor do OCCIDENTE que uma vez não visse e não applaudisse a talentosa interprete de tantos papeis representados nos ultimos 30 annos nos principaes theatros de Portugal e do Brazil. Mas o leitor avistou apenas a actriz sob os atavios do drama ou da comedia, transfigurada pela alvalade ou pelo carminim no phantastico ambiente da scena: deve por isso estimar que hoje lhe apresentemos simplesmente a mulher. Ah! a tem pois, sem nenhum dos attractivos que só por si constituem meia gloria da actriz; uma phisionomia rebelde, sem nenhuma d'essas condições exteriores que se impõem á sympathia das multidões, parecendo unicamente fadada para conquistar o seu logar na scena, pela força do trabalho e pelas radiações interiores do talento.

Foi longa a carreira de Anna Cardozo. Derradeira discipula de Emilio Doux, o mestre da pleiade de actores que em Portugal representa o renascimento romantico no theatro, a sua appareição na scena data do antigo theatro de *D. Fernando*, representando na peça de Braz Martins, *O Rei e o Ermita*, o papel de Emparedada. Esta estreia foi logo uma grande revelação. Anna Cardozo deixava advinhar uma das personalidades mais caracteristicas do theatro portuguez, e adiante de si estava aberto um longo caminho de triumphos.

Actriz verdadeiramente portugueza, copiando apenas as personagens do mundo real que a cercava, Anna Cardoso deu-nos no seu vasto repertorio uma admiravel galeria de typos nacionaes, no *Guiato de Lisboa*, no *Cesar ou João Fernandes*, na *Tia Maria*, no *Fidalguinho*, no *Dente da Baroneza*, e em tantas outras peças enfim do moderno repertorio portuguez. Depois de representar consecutivamente por mais de vinte annos no Gymnasio em varios outros theatros de Lisboa, foi ao Brazil, aonde se demorou quatro annos colhendo os louros que para os nossos melhores actores nunca tem escasseado n'aquelle paiz. De volta a Portugal, a ultima phase de sua vida artistica tem logar no theatro de D. Maria II, aonde no desempenho de importantissimos papeis dramaticos, na *Loucura ou Santidade*, no *Visconde de Leitorieiros*, na *Morgadinha*

das *Canavieiras* e ainda em outras peças, conquista sempre farta colheita e aplausos.

O ecco das palmas que a festejavam nas suas noites de triumphos e de glorias irá esmorecendo a pouco e pouco: pois que as rosas que engrinaldavam as frentes dos predestinados da scena, pouco mais vivem do que uma noite. O seu retrato ficando porém archivado nas paginas do OCCIDENTE é um testemunho de que os obreiros da arte nacional não levam ter por epitaphio unico a indifferença e o esquecimento publico.

ALBERTO GAMA.

## O MELÕES

(Conclução)

Foi por este tempo que comecei a conhecer mais de perto o Melões. Estava eu empenhado em preencher uma lacuna na litteratura da costa do Pacifico. Não sendo obra de pouco alcance, e havendo-me chegado aos ouvidos, que a falta prejudicava deveras o progresso d'este povo, destinei logo duas horas por dia à tarefa; e como, para o bom exito, fosse preciso adoptar um systema methodico, disse adeus ao mundo, e, tão depressa saia do escriptorio, encerrava-me no meu quarto. Uma vez ali, percorria attentamente a papellada, lendo o que escrevera na vespera. Se esta leitura me suggeria alguma alteração, immediatamente a punha em pratica. Sempre que isto se dava, acontecia consultar algum livro relativo ao assumpto, que invariavelmente me attrahia e a cuja leitura me entregava com interesse. De ordinario o livro suggeria-me outro methodo melhor de preencher a tal lacuna. Revolvendo muito no conceito o novo methodo, passava a pô-lo em pratica, para em seguida o abandonar e voltar ao plano primitivo. No fim d'este labutar incessante, convencia-me de que as minhas facultades exaustas requeriam um charuto. Geralmente o acto de o accender despertava em mim a idéa de que, para o bom desempenho do meu trabalho, devia meditar alguns instantes com socego, e eu sempre me deixei guiar pelos meus instinctos prudenciaes. Por acaso sentava-me à janella, donde, como acima disse, costumava ver o Melões. Apesar da nossa conversação raras vezes passar de «Olá, senhor!» e «Adeus Melões! um instincto vagabundo, que compartilhavamos em common nos obrigava a seguirmo-nos com a vista, mesmo sem proferir palavra. N'esta convivencia abstracta decorria o tempo, entretido Melões muitas vezes em exercicios gymnasticos, sempre com os olhos na minha janella, até que me era annuciado o jantar. Então sentia eu que uma lacuna mais positiva me chamava a attenção. Um incidente inesperado fez-nos travar relações mais intimas.

Certo amigo meu, que voltava d'uma viagem aos tropicos, apresentou-me com um cacho de bananas. Não estando ainda maduras, pendurei-as à janella para sazouarem ao sol do pateo de Mae Ginnis, cujas qualidades energicas eram notaveis. No cheiro mysterioso de navio e de praia de que ellas me impregnaram o quarto, havia um não sei que das baixas latitudes. Todas as minhas esperanças porém foram frustadas, porque nunca chegaram a amadurecer.

Um dia, regressando a casa, ao voltar a esquina d'aquella rua aristocratica a que acima alludi, encontrei um rapazito a comer uma banana. Nada havia n'isto de notavel; mas ao aproximar-me do pateo de Mae Ginnis, vi outro rapazito a fazer o mesmo. A apparição d'um terceiro, empregado em identico serviço preoccupou-me deveras o espirito. Ao leitor psychologico deixo o determinara exacta co-relação entre estes factos, e o presentimento que desde logo me dominou. Apresso o passo, entro no quarto, olho e não vejo o cacho de bananas.

Só uma pessoa lhe sabia da existencia, a que passava em frente da minha janella, a unica enfim capaz d'um esforço gymnastico para o agarrar, e essa, — envergonhou-me de o dizer, — era o Melões. Melões o larapio, Melões, despojado de sua mal adquirida presa pelos rapazes mais crescidos, ou trahido pela sua prodiga liberalidade; Melões, que n'esta occasião se refugiara em algum telhado da vizinhança.

Accendi um charuto, e arrastando a cadeira para junto da janella dei-me a contemplar com tristeza o geranio que ali perto vegetava. Poucos momentos depois uma coisa branca passou ao nível do para-vento. Não podia haver duvida sobre aquella cabeça encanecida que para mim agora apenas representava uma iniquidade idosa. Era Melões, aquelle juvenil hypocrita.

Fingia não me ver, e ter-se-hia retirado socegradamente se a horriavel fascinação que attrahe o assassino ao logar do crime, não o impellisse para a minha janella. Eu fumava tranquillamente, e olhava para elle sem lhe dirigir palavra. Passeou algum tempo no pateo com certa expressão de olhar meio severa, meio provocante, acompanhada de um igual movimento de hombros de modo a representar a candura da innocencia.

Parou uma ou duas vezes e mettendo as mãos nas algibeiras das enormes calças poz-se a olhar com todo o interesse para a largura adicional que ellas assim haviam adquirido. Depois começou a assobiar. Melões era mestre na execução de certa aria então muito em voga; mas n'aquelle dia foi infeliz: o assobio saiu-lhe aspero, e por vezes desafinou. De subito fixou-me. Empallideceu levemente, mas cobrando animo, foi até junto do muro e poz-se de cabeça para baixo e pernas para o ar. Momentos depois, retomando a sua posição natural, voltou se para mim e encetou conversação.

«Isto é um circo» — disse elle gravemente, encostando-se ao muro,

com as mãos nos quadris — «Aqui à roda é um circo!» — e indicava a localidade com o pé — «com cavallos e cavalleiros. Isto é um homem guiando seis cavallos ao mesmo tempo; — seis cavallos ao mesmo tempo e sem sellino» — e callou-se.

Esta novidade equestre não me causou a mais leve impressão. Continuei a medil-o, e elle começou a tremer, a achar-se incommodado dentro do seu estupefido vestuario. Querendo sair de tão critica situação, Melões recomçou, em terminos mais directos.

«Conhece o Carrots?»

Eu tinha uma leve idéa de um rapaz com este nome euphonico, de cabello arruivado, companheiro ou inimigo do Melões; mas não respondi.

«Carrots é má peça. Uma vez matou um policia. Usa faca na bota e inda agora vi-o estar a olhar ahi para a sua janella.»

Era preciso pôr termo à comedia. Levantei-me, de sobr'olho carregado e disse-lhe:

«Nada d'isso, Melões, serve para o caso. Vocemecê levou-me as bananas. O que vocemecê disse a respeito de Carrots, ainda mesmo que eu estivesse disposto a acreditar-o, não alteraria a minha opinião. Vocemecê levou-me as bananas. Ora pelas nossas leis similhante facto é um crime. Não quero saber se Carrots foi connivente no furto antes ou depois; não entro n'essa discussão. O facto deu-se. O seu procedimento actual revela claramente o animo *parandi*.»

Ainda hem eu não tinha acabado o exordio, já o Melões, como era de esperar, se havia eclipsado.

E nunca mais tornou a apparecer. Os remorsos que tenho sentido por haver cooperado em parte para o seu desaparecimento, nunca chegarão ao conhecimento d'elle, salvo se lhe forem ter às mãos *estas paginas*. Nunca mais o vi desde então, e nem sequer saberei qual foi o seu destino; — se atravessou o Oceano para um dia reaparecer qual celebre lobo do mar, ou se se enterrou completamente nas suas calças. Tenho lido e relido os jornaes, e sempre o mesmo silencio.

Cheguei a assignalal-o à policia como rapaz perdido; mas nunca mais houve d'elle novas nem mandados. Apprehensões extravagantes me representam hoje a sua apparencia veneranda como o resultado de uma verdadeira senilidade, e que, recolhido por seus paes, terá por ventura gozado de uma velhice alegre e socegada. As vezes chego até a duvidar da sua existencia e penso que hem poderá Melões ter sido um achado com seu que de providencial e mysterioso, feito de proposito para preencher a lacuna a que anteriormente me referi.

N'essa esperanza foram escriptas estas linhas.

FRANCISCO DE ALMEIDA.

## EXCERPTOS

Houzas humanas são jogos de meninos; fazem um rei, que dura enquanto o jogo dura, e elle acabado arrepellam-n'o.

Assim como aquella moeda é melhor, que sendo menor na materia é maior na valia, assim aquella tenho por melhor pratica que sendo mais breve nas palavras é mais dilatada nas sentenças.

FR. HEITOR PINTO.

A boa fama é a melhor herança que ha no mundo.

A suspeita que entra uma vez em alguem, nunca de todo se perde, ainda que se não creia.

BRAZ. RIBEIRO.

## ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

VELA ELECTRICA DE JABLOCHKOFF

O principal inconveniente que apresentavam os diversos systemas de illuminação electrica, ensaiados desde que no principio d'este seculo Volta inventou a pilha, era, além das imperfeições que frequentes vezes se dão nos reguladores e nos carvões, a difficuldade por tantos annos não vencida, de subdividir a grande intensidade do destumbrante foco luminoso, obtido entre os carvões das lampadas electricas, em pequenos focos de luz menos intensa e mais propria para os multiplos usos da illuminação industrial e domestica. Uma feliz e bem imaginada innovação, devida ao engenheiro russo, Jablochhoff, veio eliminar as imperfeições dos reguladores, pois supprimiu-os de todo, e ao mesmo tempo fez dar um grande passo ao problema da divisibilidade da luz electrica.

A invenção de Jablochhoff consiste em um pequeno apparelho que elle chama *vela electrica*, a qual se compõe de duas hastes de carvão parallelas, separadas uma da outra por uma substancia isoladora, formada de graphite e kaolino; as extremidades inferiores dos carvões entram em dois tubos de latão, em que são apertadas, e communicam,

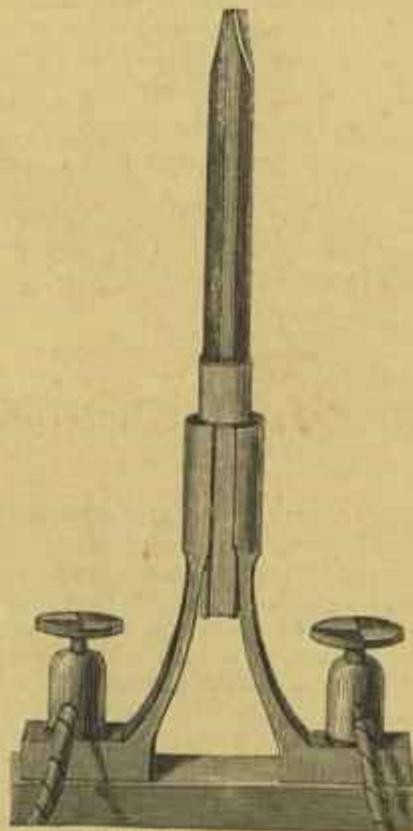
por meio de dois botões metálicos com os pólos da corrente eléctrica.

Logo que passa a corrente produz-se o arco voltaico entre as extremidades livres dos carvões; o calor desenvolvido funde e volatiliza a substancia isoladora, e vai sendo a descoberto novas regiões dos carvões, á medida que estes vão ardendo. A luz vai pois descendo como em uma vela ordinaria; d'ahi provém o nome dado pelo inventor ao seu aparelho.

Como o kaolino, muito isolador quando solido, se torna mais conductor da electricidade quando fundido, resulta que se podem interpor diversas velas de Jablochhoff no mesmo circuito, o que ainda se não tinha conseguido com os reguladores da luz eléctrica. O numero de velas que se pôde collocar no mesmo circuito, é tanto maior quanto maior é a tensão da corrente.

Os carvões da vela Jablochhoff devem ser eguaes quando se faz uso de correntes alternadas, como nas machinas magneto-electricas sem commutador, dos systems de Clarke, Siemens, Lontin etc.; porque cada carvão sendo alternadamente pólo positivo e pólo negativo, ambos se gastam igualmente. Deve, porém, ter o carvão positivo secção dupla do negativo, quando se empregam correntes sempre do mesmo sentido, como as das pilhas, das machinas de Gramme, Ladd, etc., pois que n'este caso o carvão positivo gasta-se o dobro do negativo.

Para accender a vela Jablochhoff colloca-se entre as extremidades livres dos carvões um bocado de plumbagina ou graphite, ligado por papel de amianto; logo que passa a corrente a graphite encandece e produz-se automaticamente a luz eléctrica.



Vela eléctrica de Jablochhoff

O numero de horas que dura uma vela depende das dimensões dos carvões; pôde-se substituir uma vela a outra que acabou de arder, por meio de um commutador que se move á mão, ou automaticamente por meio de um mechanismo especial.

Tem-se experimentado a vela de Jablochhoff com diversas fontes de electricidade; tem dado excellentes resultados o emprego de duas



A ACTRIZ ANNA CARDOZO — Fallecida em 12 de Outubro de 1878

(Segundo uma photographia do sr. Loureiro)

machinas de indução magnetica, uma maior outra menor, servindo esta de excitadora, indo as suas correntes induzidas excitar e reforçar o magnetismo dos electro-ímans inductores da machina maior. É este o systema com tão feliz exito empregado na iluminação dos seis candieiros, que el-rei D. Luiz mandou collocar na cidadella de Cascaes, e que desde o dia 28 de setembro ultimo, anniversario natalicio do principe real, tem funcionado regularmente todas as noites, durante a residencia da familia real n'aquella localidade. Foi o primeiro ensaio da invenção de Jablochhoff que se fez em Portugal. Com os mesmosapparelhos, emprestados por el-rei D. Luiz, tenciona a camara municipal de Lisboa ensaiar a iluminação eléctrica de Jablochhoff, no Chiado, a partir do dia 31 de outubro anniversario natalicio do monarcha.

Em quanto ao valor economico do systema Jablochhoff não se pôde ainda bem precisar qual seja; seu inventor, segundo algumas experiencias, afirma ser menor que a quinta parte do custo do gaz, o preço da iluminação eléctrica, em egualdade de luz, podendo nos casos mais desfavoraveis, em que não haja motor, attingir a terça parte; porém não ha ainda elementos sufficientes

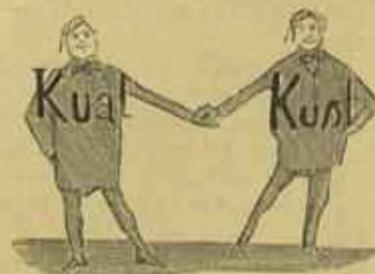
para decidir este ponto importante da feliz invenção do engenheiro russo.

F. BENEVIDES.

## BIBLIOGRAPHIA

Acha-se publicado o Catalogo dos manuscritos da bibliotheca dos marquezes de Castello Melhor. Dizia-se vagamente que n'aquella casa havia preciosidades bibliographicas, especialmente em manuscritos, mas não havia ninguem que soubesse o que ali se continha. Os proprios donos parece que o ignoravam, pelo menos os ultimos, e nunca dos preciosos materiaes ali guardados, em grande parte documentos officiaes, que deviam estar nos archivros nacionaes, foi communicado o conhecimento, a nenhum dos obreiros da nossa historia, nem por algum aproveitado o seu valiosissimo auxilio. Era um verdadeiro quadro das onze mil virgens, como de outra livraria dizia o celebrado D. Francisco d'Almeida. Uma vez que se manifestaram ao publico as preciosidades que ali se encerram, por meio do bem elaborado catalogo hoje publicado, pediremos a todos que leiam as conclusões finaes do prologo do mesmo catalogo, que traduz o desejo e anseio de todos os que se interessam pelas cousas da patria, e juntaremos a nossa pouco auctorizada voz, á dos homens de letras, que pedirem ao governo portuguez, a compra d'aquella valiosa colleção, a mais valiosa que até hoje tem apparecido em mão de particulares, para não ficarmos privados de tão largos e desconhecidos documentos para a historia, geographia e litteratura portugueza.

## ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

...o bebado Sileno,  
Sobre um russo e cansado jumento.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMENT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thesouro Velho, 6